

alegria \ 2017 \ aquarela, lápis de cor e tinta acrílica sobre papel

#Irmandade



Mariana  
Souza

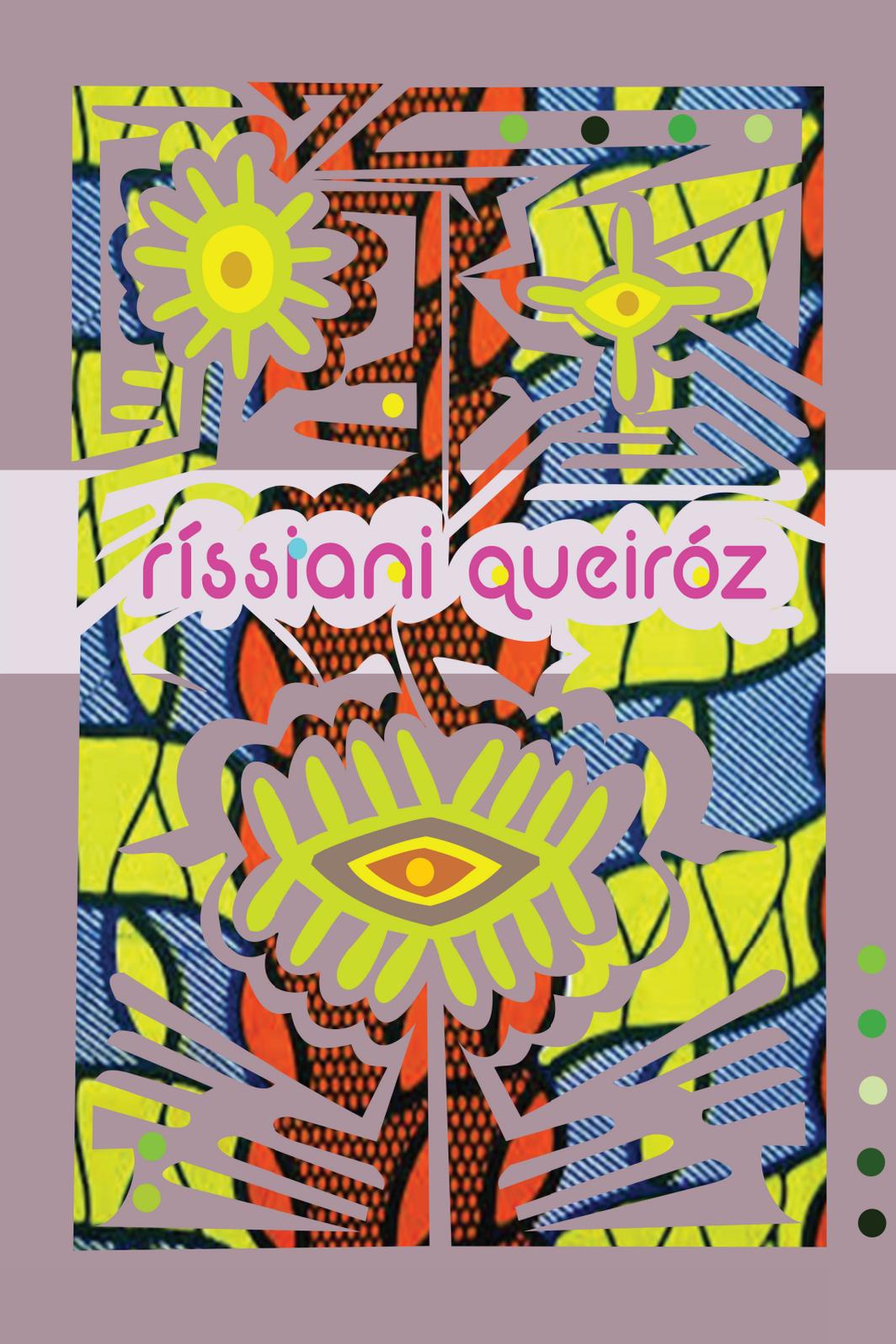


Sou poeta graças às que me antecederam, às que são e às que virão. Aos 11 anos de idade tracei a escrita e poesia como meta para o caminho. Hoje aos 22 anos, a poesia se tornou o caminho e instrumento para a linguagem e ação.



Sou moradora de Mucuri em Carriacica. Poeta, Negra, Bissexual, compositora de escrachos poéticos e experimentadora dos Multiver-

sos, no mundo e na literatura. Produtora de fanzines há 4 anos, debatendo temas como liberdade corporal e afetiva, violência racista, violência machista, genocídio do povo negro, e, sobretudo, caminhos para emancipação humana e terrestre. Participante de saraus, batalhas de poesia, levo minha mensagem para a rua, para as redes sociais, eventos estudantis, sociais, centros culturais, ônibus, onde precisar. Filha do Vento e das Cachoeiras, da Lua e Folhagens inteiras! Salve Carolina Maria de Jesus, Zacimba Gaba, Audre Lorde, Lélia Gonzalez e todas as anciãs. Salve todo o povo negro, de todas as gerações. Asé!



ríssiani queiróz

## Poesia 1

E o Vento me levou  
Fui parar longe  
Em terras estranhas  
-Não estrangeiras  
Pois o mundo será todo meu,  
Será todo nosso  
As fronteiras já não existirão  
Planeta Terra não pertence a poucos  
O mundo é de todos Universo somos todos Talvez  
por isso  
O Vento leve  
Nos arrancando do habitual  
Trazendo a Vida real  
Onde há diferenças  
Onde há segregações  
Onde se sente na carne o queimor, o abafo das  
[opressões

Daí nos joga em terra seca  
Onde, inimaginavelmente,  
Faz brotar  
Quando ninguém mais acreditava  
Quando a esperança de dias de primavera já  
estava esgotada  
Quando o inverno nossa pele aterrorizava... Ali brotei  
Ali, a negra renasceu  
Olhou-se no espelho  
De novo de novo  
E de novo  
Se viu na outra  
Se reconheceu  
Foi buscar nos livros, nos rabiscos, vídeos, não

ditos, apagados  
Suas histórias, seu legado  
Depois do Vento ter levado  
Encontrou o chão para viver  
Sentiu a Terra  
Buscou a Água  
Fez-se na Lama  
Aquietou a alma  
Para por fim, se fortalecer  
Pegar impulso  
E vomitar  
Jogar pra fora  
Em Raízes, dando forma  
A resistência e irmandade  
Luta de todo dia  
Que é sua  
Que é de todas  
Que respira rebeldia  
E aguardos de novos tempos  
Em que o inverno passará  
Para todas  
E os festejos de primavera e verão  
Aquecerão nosso caminhar  
Num grito e corpo vivo  
EM COLETIVIDADE IREMOS NOS EMANCIPAR  
Não duvidem disso minhas irmãs  
Lembremos sempre  
Branquidades não nos terão em correntes  
Somos das férteis  
Árvores da Liberdade, NEGRAS SEMENTES!

## Poesia 2

Quando dizia que ia cortar pica  
Todo mundo estremecia  
É inadmissível, dizem  
Mas, quando chorando contei que, SEM  
[CONSENTIMENTO,  
Por uma pica fui TRANSPASSADA...  
NINGUÉM VIU!  
NINGUÉM OUVIU!  
NINGUÉM FALOU NADA!  
Ah, mas que grande charada!  
De onde será que vem essa lógica errada? Tão  
culpando a vitima  
Tão crucificando a mina que REAGIU a um abuso  
Tão querendo ela quieta, calada  
Mas ao estuprador:  
Tapete vermelho,  
Beijo nos pés,  
Uvas na boca,  
“Deem total respeito, esse aluno de música tem  
[todo direito”,  
NOTA DE APOIO!  
E pra mim, o que me resta?  
-Fique em casa, não saia sozinha, não use mais  
[esta roupa!  
- Desista de frequentar o curso, não vá para a  
[balada, modifique sua rota  
-Deixe de ir a esse bar, tranque bem o cadeado,  
[a partir de agora se comporte!  
-NOTA DE REPÚDIO  
Ah, sociedade machista, racista, medíocre!  
Pra você que nos quer caladas e fracas: temos  
[megafone e auto-organização

*Pra você que quer explorar nossa sexualidade manter nosso corpo na vida privada, em submissão Estamos ultrapassando a porta e saindo pra rua*

*DE CANIVETE NA CINTURA E FACÃO NA MÃO!*

A blue frame containing two stylized motifs: a sun with orange rays and a yellow center on the left, and a star with orange points and a yellow center on the right. The background is a dark blue field with a repeating pattern of white sunburst or starburst shapes.

tamyres  
batista





Meu nome é Tamyres Batista, tenho 20 anos, e nasci em Vitória-ES. Curso Ciências Sociais na UFES. Sou produtora e apresentadora do Programa Afro-diáspora e integro o Cineclube Nome Provisório. Gosto de escrever, e ultimamente tenho pensado a palavra como abrigo, para plantas, bichos, memórias, pedras e angústias que trago comigo.



## A noite não adormece

Para os olhos de Conceição Evaristo.

Teresa amanhecia sempre de sobressalto, como se o sol tivesse lhe queimado parte do corpo, o que a fazia se levantar junto dele. Despertava sempre aflita, cansada de contínuas noites mal dormidas, para ela o sono era uma experiência de quase-morte, temia que o fechar dos olhos fosse infinito, e por isso inventava variadas formas de agarrar a vida. Ao lado de sua cama guardava um rosário e as imagens de São Benedito e Santa Efigênia, que apesar de viverem sempre em um silêncio profundo, sabiam de suas angústias e iriam velar por elas.

Ela era cosmógrafa, profissão que ninguém tinha notícias, por isso logo explicava “É uma coisa nova no mercado”. As pessoas não entendiam muito bem, mas quando ela falava assentiam com a cabeça, para que ela não parecesse tão louca. Diziam: “Onde já se viu, ganhar a vida escrevendo novos-mundos... Até parece”.

Mas a despeito dos outros ela existia e passava tardes e noites numa sala pequena mas arejada, de paredes azuis e piso de madeira envelhecida que mantinha nos fundos de casa, lá podia exercitar a caligrafia de mundos ainda por vir, traçava outras topografias, delineava uma outra hidrografia e pensava em atmosferas mais respiráveis. Estava sempre desempregada, vivia pendurada com as contas e o fim do mês, que como todos sabem, não perdoa ninguém. No entanto às vezes recebia ligações e encomendas, e eram essas que a impediam de morrer de fome e, para além disso, alimentavam seus sonhos. Ultimamente estava trabalhando em duas ideias-cidades: Banzo e Aya, na primeira a saudade era uma

doença que tinha cura, as escolas tinham sido destruídas, queimadas pelos últimos alunos, que agora testavam outros modos de repassar os conhecimentos sobre a vida, e sobre aquilo que chamamos de real. As ruas de Banzo acabavam sempre em encruzilhadas imensas, e seus caminhos levavam a estradas ancestrais, em que se podiam conhecer, por corpo e nome, as pessoas mais antigas de todas as Eras. A outra cidade era Aya e em suas paredes era possível escrever desejos, rabiscos, frases de efeito, xingamentos e profecias, isso sem ter medo da polícia, porque ela também já estava extinta há tempos, essa cidade possuía grandes florestas de samambaias, e elas se espalhavam por todos os espaços possíveis de se caber o verde.

Teresa passava semanas fazendo estudos sobre geologia, astronomia, química orgânica, física quântica e meteorologia para que as novas cidades-mundo fossem ótimos arranjos cósmicos. Ficava a tomar notas do caminhar de caracóis, caramujos e carangueijos e nos últimos tempos observava atentamente o voo de pássaros, borboletas e outros bichos alados de onde extraía valiosas lições.

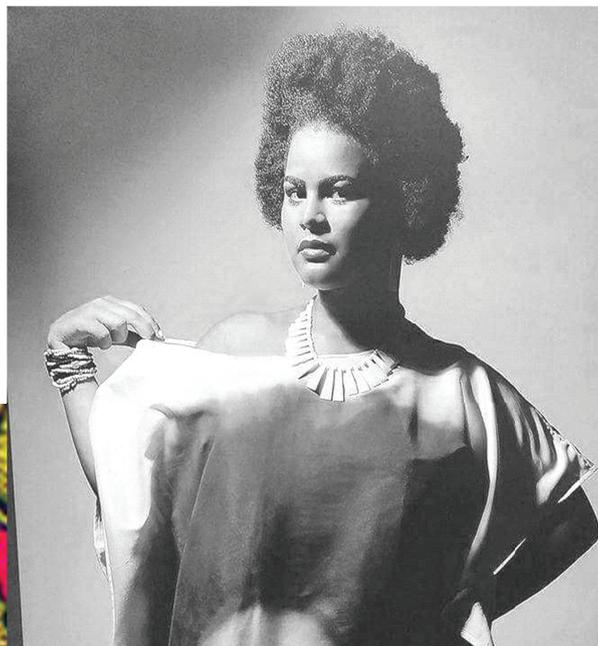
Às vezes Francisco vinha, sempre de surpresa, chegava de mansinho, passava o café, trazia um violão, o tambor e outros instrumentos percussivos que ele mesmo tinha inventado e mostrava as músicas novas que tinha composto. Nesses tempos Teresa perdia o rumo, abria um riso dolorido, e se sentia salva, do que ela não sabia muito bem. Brincavam um com o corpo do outro durante toda a madrugada, e encontravam novas funções para pés, mãos, bocas, vulvas, barrigas, falos e narizes. O dia se tecia silencioso com seus primeiros fios de sol, e Teresa tinha a certeza de que neste dia não iria morrer. A luminosidade da manhã molhava seu sorriso, e eles se sentiam abençoados. Entravam a

tarde conversando sobre os mistérios do mundo e sobre os orixás. Mas Francisco sempre ia embora, tinha um calendário próprio que guiava suas chegadas e partidas, e quando mal se esperava ele já não estava ali. Deixava recados espalhados pelo chão da casa, com palpites e conselhos sobre os mapas-mundi que ela estava por escrever. “Teresa, prefiro quando o rio da memória se encontra com a Pedra Vermelha” ou ainda, “Penso que esse também é um exercício de fabricar novas ontologias, precisamos de um futuro menos doloroso para nosso povo”. Ela gostava de suas palavras e de seus sumiços, tinha adquirido um apreço imenso por estar só. Além disso tinha obtido, por dormir pouco ou quase nada, duas grandes manchas arroxeadas nos olhos, que bem pareciam a lua cheia, numa noite escura. Nos últimos tempos estava aguando as sempre-vivas, as espadas de Santa Bárbara e os alecrins do terreiro e se surpreendeu ao ver seu rosto abatido refletido n’água “as noites têm consumido minha existência” pensou.

Invadida por esse sentimento decidiu sair de casa, descer o morro e encontrar a outra parte da cidade, tinha se convencido que talvez os médicos da capital soubessem a cura para sua insônia crônica. Mas ao atravessar a avenida Maruípe uma bala perdida a encontrou, e no momento exato em que Teresa partia deste para outro mundo, do qual infelizmente ainda não tinha tido tempo de pensar sobre, agarrou-se à imagem de Aya, faltavam alguns detalhes para essa ideia-cidade que ela ainda não tinha conseguido pensar, e enquanto o chão se tingia de um vermelho-carmim ela se lembrou de uma antiga promessa que tinha anotado em seu rascunho. “Nesta cidade, mulheres pretas podem dormir, enfim, em paz”.



jaiara  
dias soares



*Jaia, 20 anos, é nascida e criada em Vila Velha-ES, mas seu tempero baiano nunca perde o destaque. Preta e periférica, graduanda em Ciências Sociais/UFES, e agora estou em busca dos meus sonhos congelados no tempo.*

## A filha da mãe África

A filha da mãe África corria, corria!  
Corria desesperada fugindo do carrasco Europa,  
[dito pai de família  
O pai Europa corria furioso atrás da filha da  
[mãe África,  
Corria sedento pelo seu corpo preto  
Corpo cor da terra, cor da lama.  
Mãe África chorosa pedia aos orixás que ilumine  
[e guarde a sua filha.

À medida que a filha corria de desespero,  
A mãe África tremia,  
Mãe África sentia,  
Mãe África cansava,  
Mas jamais desatinava

- Corra, filha!
- Corra, filha!
- A mãe tá aqui olhando por você!
- Corra!

De repente, um estrondo.

Silêncio.

A bala de aço atinge as costas da filha da mãe  
[África

Atravessa-lhe o peito.

Mãe África sente uma terrível dor  
Cai uma gota de sangue africano no chão,  
Não sei de quem foi primeiro,  
Se foi do peito da filha  
Ou dos olhos da mãe África.

A cada preta e preto mortos na América, mãe  
[África chora!

## Apelo à Yemanjá

Oh Odoyá,  
Me ajude a caminhar como os rios caminham  
[até você  
Banhe o meu corpo com o cuidado que se banha  
[um bebê  
Estou tão frágil quanto este pequeno ser  
Preciso dos teus cuidados para crescer  
Ecoe a minha voz como o teu canto,  
Para que ninguém tenha a audácia de impedir  
[seus encantos

Oh Odoyá  
Me envolva nos teus braços e me cante um acalanto  
Oh Yemanjá,  
Aquiete minh'alma  
Me acalante no teu seio até eu dormir tranquila  
[e voltar a sonhar  
Oh Odoyá.



Lorraine Paixão, nascida em 16 de junho de 1993, é capixaba, preta e lésbica. Estudante de jornalismo e metida a poeta, mantém o blog *Idiossincrasias no Sofá* que é atualizado com poesias e contos escritos ao longo de minhas vivências e experiências. Além de literatura, produzo também crônicas e reportagens no **MEDIUM** (Jornalismo Social)



lorraine  
paixão





Tomara o mesmo ônibus que eu. Por dois dias seguintes. Na mesma parada. O 527 saía do terminal de Carapina em direção ao Centro e, quarenta minutos depois a parada dela. Sua marca: o queixo exuberante. Antes de vê-la toda, o vi e achei uma graça. Desses que lhe apontam a cara, desses atrevidos que não se intimidam e chegam antes dos donos. E no queixo uma pinta com pelinhos em volta. Que charme! A primeira vez que o vi—e a vi—não consegui desviar o olhar. Não deu pra disfarçar o interesse em olhar.

Foi numa quarta-feira. No meio da tarde. Do banco solitário no fundo do ônibus a vi vindo lá da catraca após pagar o peso da mobilidade urbana capixaba. Ela veio caminhando no balanço do ônibus, tateando pelas barras de ferro para não tombar com a curva do Saldanha. Ela veio e parou bem ao meu lado. Firme, mesmo na inclinada curva. Pude assim vê-la mais de perto, porém apenas por cinco minutos, pois saltaria duas paradas adiante, ali na Costa Pereira.

Por trezentos segundos experimentei o extêse da beleza alheia. Foi como estar diante de um quadro com cores das mais diversas que lhe saltam e assaltam os olhos com tanto colorir. Beleza singular. Nesse primeiro contato, saí do ônibus com um sorriso bobo

e os olhos brilhando com a beleza que tive a graça de ver em plena quarta-feira.

Tomei o 527 no terminal e quarenta minutos depois a parada dela, e ela lá com seu queixo exuberante. Naquele dia pude vê-la melhor, pois já havia passado o encanto da primeira vista. Pude constatar que ela era mesmo de toda beleza. Agora era o encanto da segunda vista. Pele negra e cabelos escuros em corte que se acabavam na altura do queixo. Que queixo! Naquela quinta-feira ela havia prendido o cabelo numa tentativa de rabo-de-cavalo, mas alguns fios ficaram livres e caíam deslizando pelo pescoço. Reparei melhor a pintinha do queixo com essa segunda vista, e confirmei a primeira vista: era mesmo um charme. E os olhos? De um preto melado de pitanga. E sérios. E distantes.

Seu semblante era preocupado. Como se algum ponto em sua vida estivesse em aberto precisando urgente de ser fechado. Pontos abertos sempre nos trazem essa rigidez. Digo por vivência, sempre que estou com pontos em aberto passo o dia com a testa contraída em tensas dobrinhas.

Tensão na testa. Tensão no olhar. Tensão nos passos. A tensão só se desfaz depois que os pontos são fechados. Saltei duas paradas depois e já com dobrinhas na testa. Na sexta-feira seguinte não mais a vi.

## Preta

Preta  
vista-se de mim  
sinta-me em seus poros, Preta

sinta e só  
pois sinto-a toda e  
basta-me senti-la

sentindo-a já lhe sei  
não precisam muitas palavras  
estas, ouço no sentir

ouço o que sinto e  
sinto que me quer assim como lhe quero

vai Preta,  
vista-se de mim  
sinta em minha pele o que sinto agora em sua pele

Preta,  
deixe porejar todo esse sentir

## Farsa

*a bela dama bamba*

*bamboleia*

*gira*

*dança*

*varre todo salão.*

*faz círculos*

*braços abertos*

*encanta*

*acena, sorri*

*mas não engana,*

*é nítida a solidão.*

## Salivar

*rasgue o verbo.*

*deixe-o liquefazer*

*no hálito reprimido.*

*já disse,*

*não afogue palavras*

*no silêncio da boca.*

*deixe-as emergir*

*pra atingir quem as merece.*

*cuspa,*

*cuspa essa baba toda.*